

A Crítica da Técnica e da Modernidade em Heidegger e McLuhan

José Carlos Vasconcelos e Sá

A experiência da modernidade é inseparável do esforço para reconceptualizar a lógica de mediação das relações entre os seres humanos e a natureza e entre a natureza e os objectos que os seres humanos produzem. Esta questão encontra-se intrinsecamente constituída no problema da dissolução dos laços religiosos que organizavam, no mundo pré-moderno, a existência social nas suas várias dimensões (política, tecnológica e estética), conduzindo a uma substituição de formas transcendentais por novos modos iminentes de criação. A procura de figuras da mediação é, assim, sinónimo da procura de um caminho, de uma orientação que permita estruturar e estabilizar visões do mundo organizadoras da experiência.

Considerando o problema mais materialmente, poderia dizer-se que a mediação torna-se mais problemática a partir do momento em que boa parte das mediações, públicas, mas também privadas, passaram a ser suportadas pela tecnologia. No caso da mediação pública, basta pensar no papel desempenhado pelos mass media e, ao nível privado, pelo uso do telefone ou da vídeo-conferência. Este último exemplo torna, porém, igualmente manifesto que a própria divisão entre público e privado está a ser transformada. Para alguns, as 'máquinas de comunicar' seriam um mero suporte da

interacção, constituindo um conjunto de instrumentos que não se distinguiriam das utensilagens pré-modernas. Como é evidente, esta concepção apoia-se numa visão da técnica que merece análise, não podendo ser aceite inocentemente. O postulado desta tese é a ideia de que a mediação constitui ainda um sector bem definido entre sujeitos mediados por tecnologias. Por outro lado, é neste mesmo pressuposto que se baseia a opinião, amplamente difundida, de que a mediação é equivalente à linguagem. A actual voga da hermenêutica corresponde a essa centralidade da palavra, de uma palavra mediatizadora que tem por função a congregação, a compatibilização de discursos antes autonomizados e que visa responder às urgências que caracterizam a vida moderna. O regresso da hermenêutica 'arrasta', por outro lado, saberes esquecidos, quase em vias de extinção, como é o caso da retórica que se manifesta, nas práticas da modernidade, como uma teoria da argumentação.

No entanto, a mediação pela palavra - que emerge, agora, como uma palavra 'razoável', dialogante, integrada numa 'lógica do preferível', geradora de consensos - obscurece uma outra realidade que marca decisivamente as sociedades tardo-modernas: a questão da tecnologia. Tal obscurecimento deve-se, também, a uma visão instrumental da técnica, entendida como uma forma otimizador dos processos comunicativos e, nesse sentido, uma espécie de veículo da palavra que se daria nela límpida, cristalina, transparente, respondendo à crise também e, ainda, como palavra da salvação. Enfim, na era da comunicação tecnológica, a tecnologia é frequentemente concebida não só como uma forma neutra que não afecta os processos comunicativos, mas também como uma realidade que, a todo o momento, o sujeito pode controlar. O problema com estas interpretações, porém, é que as tecnologias da informação, que são sempre uma tecnologização da comunicação, tendem também a escapar ao controle, impondo novas formas de mediação que vão além da palavra e centrando-se na imagem e numa certa maquiagem do sujeito. O ocultamento desta realidade constitui, por outro lado, uma incapacidade de exploração de possibilidades, inerentemente articulada com o discurso da instrumentalidade da técnica. É, precisamente, esta concepção da tecnologia o objecto da crítica radical de Martin Heidegger - sobretudo naquilo que se relaciona com a questão do controle humano da tecnologia - como também de Marshall McLuhan, no que diz respeito às correlações entre discurso e tecnologia.

HEIDEGGER: 'A ESSÊNCIA DA TÉCNICA NÃO TEM ABSOLUTAMENTE NADA DE TÉCNICO'

Martin Heidegger foi, de entre os pensadores do século XX, aquele que mais insistiu na importância da técnica para a compreensão da modernidade. Embora esta questão atravessasse toda a sua obra, é no texto de 1954 intitulado 'A Questão da Técnica' (Heidegger 1958: 9-48) que se encontra a formulação mais completa da sua interpretação. No pensamento de Heidegger, interessa menos resolver problemas, dar respostas, do que formular boas perguntas. A pergunta que considera fundamental é a relativa ao Ser. A sua tese essencial é a de que a metafísica levou ao esquecimento do Ser e, correlativamente, que a metafísica realizada é a modernidade. A interrogação da tecnologia em Heidegger provém, assim e de forma intrínseca, da crítica da modernidade, a partir do ponto de vista ontológico.

A ênfase da crítica heideggeriana é a recusa da visão instrumental da tecnologia, isto é, a tecnologia como um meio neutral de que se serviriam os seres humanos para transformarem o mundo - o que implica uma crítica paralela de uma visão do mundo como uma espécie de matéria prima do trabalho que age sobre ele com os seus instrumentos, transformando-o. Esta visão, que o próprio Marx não chegou a pôr em causa - ela seria, do ponto de vista marxista clássico, verdadeira no comunismo e perversa no capitalismo - constitui o modo dominante de pensar a técnica na imaginação moderna. Para Heidegger, ao contrário, a técnica deve ser concebida como uma forma de *aletheia*, de verdade. Nos seus modos de operação, a técnica provoca a natureza, exigindo dela a libertação de energias que podem ser exploradas e acumuladas. A essência da tecnologia moderna deve ser percebida como um processo de des-ocultação da natureza com um carácter especial de *provocação* relativamente a ela. Neste sentido, Heidegger estabelece a distinção, à semelhança de outros pensadores como Mumford ou Ortega y Gasset, entre dois tipos de tecnologia:

- 1) A tecnologia anterior à Revolução Industrial, profundamente envolvida com a natureza e servindo-se da natureza, mas essencialmente dependendo dela, no sentido de que da natureza só transfere força e movimento. É o caso, por exemplo, dos moinhos de água ou de vento. Tais objectos tecnológicos só funcionam na medida em que o vento sopra ou a água cai. Por outro lado, estruturas deste tipo harmonizam-se com a paisagem, tornando visíveis aspectos da natureza que, possivelmente, não se dariam a ver, tão claramente,

se determinados objectos tecnológicos não existissem: um moinho de vento, nomeadamente, enfatiza, pela sua postura vertical, a visão plena de uma paisagem. Enfim, é um tipo de tecnologia que não agride a natureza; pelo contrário, envolve-a e coopera com ela.

- 2) Em contraste marcante com o modelo tecnológico anterior, surge, com a Revolução Industrial, uma prática e concepção tecnológica substancialmente diferente. É o caso, por exemplo, de uma central térmica movida a carvão que, ao contrário das tecnologias pré-industriais, extrai energias físicas básicas e imediatamente as acumula em abstracto, de forma não-sensível. A tecnologia moderna, para Heidegger, inaugura, assim, um modo distinto relativamente à exploração da natureza: extrai a energia acumulada em forma de carvão, transforma-a em electricidade que, por sua vez, pode ser armazenada e preparada para ser distribuída e usada segundo a vontade humana. A tecnologia moderna, regida por processos que se relacionam com a descoberta, transformação, acumulação e distribuição, constitui, assim, um modo de desocultamento substancialmente diferente daquele dominante nas tecnologias pré-industriais. Por outro lado, a crítica da estética é, segundo Heidegger, inseparável da crítica da técnica, constituindo a arte uma forma de *aletheia* também. O exemplo que fornece é o da central eléctrica que não se harmoniza nem complementa a paisagem, perdendo, assim, a característica que aproximava os objectos tecnológicos 'antigos' das obras de arte.

A distinção entre os dois processos tecnológicos acarreta, como consequência, a diferenciação dos objectos produzidos por cada um deles. Enquanto que o processo técnico tradicional fabricava objectos únicos, a moderna tecnologia gera um mundo que Heidegger denomina de *bestand*, um mundo de objectos sem valor em si, exceptuando o uso que se lhes possa dar. Estes objectos produzidos sem individualidade real - no fundo, objectos degradados do humano - constituem a prova que o filósofo alemão exhibe para justificar a sua concepção da essência da tecnologia, segundo a qual ela não pode ser concebida como um simples resultado da decisão humana individual ou colectiva, mas sim como algo de autónomo relativamente ao humano, a que chama *Gestell*, isto é, a pré-condição transcendental da tecnologia. *Gestell* significa, então, a dimensão da tecnologia moderna que ordena ou rege o modo particular deste desocultamento.

Esta disposição é entendida como uma estrutura cognitiva impessoal ou uma vontade impessoal que não só provoca o mundo, mas,

também e essencialmente, incita os seres humanos, de maneira sistemática, precisa e constante, a provocar o mundo. A acção desta vontade impessoal desoculta sempre, da mesma forma, a natureza. Ou melhor, o modo de desocultamento da tecnologia moderna não só elimina o processo tradicional de desocultamento, como, simultaneamente, corre o risco de fazer desaparecer o desocultamento enquanto tal, o que provocaria uma espécie de catástrofe ontológica. É justamente aqui que se torna particularmente evidente a ligação forte, dura, na visão heideggeriana, entre tecnologia e Ser: o desaparecimento do desocultamento em si acarreta, juntamente, o desaparecimento daquele no qual a verdade acontece, isto é, o próprio Ser. O processo de desocultamento da tecnologia é o movimento que leva a 'fechar' a natureza no mesmo e, simultaneamente, ao iludir a verdade das coisas, obrigar o Ser à sua não-revelação.

A análise de Heidegger procura, assim, tornar visível o equívoco persistente na tradição filosófica ocidental em considerar a técnica como algo neutro e passível de controle. No entanto, algumas reservas têm vindo a ser levantadas a esta análise, dizendo respeito, nomeadamente, à exclusividade da visão ontológica em detrimento da dimensão antropológica. Por exemplo, para Dominique Bourg (1999), o menosprezo das realidades empíricas e sociais - que considera patente na análise heideggeriana - tem consequências marcantes, em particular consequências políticas. Bourg inicia a sua crítica, comentando a frase célebre de Heidegger - *'A essência da técnica não tem absolutamente nada de técnico'* - que sumaria o conjunto da teoria heideggeriana sobre as relações entre técnica, mediação, cultura e modernidade. Vale a pena seguir o extenso raciocínio de Bourg (1999: 58-60) sobre a declaração de Heidegger, considerando que esta

equivale a um distanciamento, visando instaurar um nível de compreensão situado na origem, em relação ao estudo da técnica como um instrumento social. Haveria, por um lado, o conhecimento e a observação, reputadas 'exactas', dos meios técnicos e, por outro, a mediação do 'verdadeiro', da essência. Mas porquê [sic, em vez de por que]pretender uma ruptura radical entre a exactidão e a verdade, entre a técnica e a sua essência? (...) Heidegger rejeita, com efeito, todo o esforço indutivo, pois pretende designar 'Gestell' (ou a essência da técnica moderna) uma imposição destinada ao homem, anterior à implementação dos seus efeitos. Há aqui

um julgamento determinante do qual não se vê o que o pode autorizar. (...) Que significa, entretanto, a essência da técnica assim percebida? Antes de mais, o fundamento não antropológico da técnica. Esta não é um simples meio humano, mas depende mais essencialmente daquilo a que Heidegger denomina desvelar. É um modo de desvelar, um meio de manifestar o acesso à presença de todo o Ser. A produção humana não se opõe, então, à natureza, mas baseia-se, ao invés, à semelhança da própria *phusis* [sic, em vez de *physis*] no desvelar. É claro que as coisas naturais vêm delas mesmas e os produtos de arte requerem o serviço de um artesão. Contudo, o artesão não poderia ser simplesmente considerado como aquele que fabrica. Para construir um barco, por exemplo, ele baseia-se no efeito da revelação e reunião prévias do aspecto exterior e do material do barco, assim como do *telos* da coisa acabada, do seu destino. São eles que, de acordo com Heidegger, comandam e detrmnam as modalidades de fabrico e não o artesão. Os técnicos modernos baseiam-se, assim, em tais preliminares, embora diferentes. Não decidem mais do que o carpinteiro.

Não obstante a validade destas revisões críticas, o essencial do pensamento de Heidegger mantém uma radical actualidade no cenário analítico contemporâneo acerca da técnica e da cultura ou, dito por outras palavras, como a técnica não pode ser simplesmente apreendida do ponto de vista do controle e da instrumentalidade. Veremos, de seguida, o ponto de vista de Marshall McLuhan que conduziu a crítica da técnica e da modernidade para novos rumos, partindo, em particular, da análise dos mass media e das relações destes com as mensagens que veiculam.

McLUHAN: 'O MEIO É A MENSAGEM'

A proposição fundamental do pensamento teórico de McLuhan é que os media sobredeterminam a palavra e o seu sentido. Esta é a tese por detrás da formulação, hoje proverbial, '*The media is the message*', que se tornou um lugar comum interpretativo da cultura de massas. Esta notoriedade não significa, todavia, que se tenha apreendido a radicalidade da teoria da McLuhan (1968) que, na minha compreensão, continua a merecer uma maior e renovada atenção crítica.

As formulações de McLuhan sobre a técnica são marcadamente diferentes da crítica da técnica em Heidegger, influenciadas, primeiro, pelos estudos literários e, mais tarde, pela teoria da comunicação. McLuhan fez, no início da sua carreira, estudos sobre Chesterton, escritor inglês da transição do século XIX para o século XX. Sobre a técnica moderna, Chesterton afirma que, por se haver submetido à tirania das máquinas e por haver depositado confiança excessiva no racionalismo, o sujeito moderno exalta a cabeça, reprime o coração e perde, por isso, o hábito da perfeição. É através de Chesterton que McLuhan se envolve na análise crítica do movimento moderno representado por Joyce, Pound, Elliot, entre outros, com os quais partilha a mesma visão do mundo que podemos sintetizar como sendo inerentemente crítica em relação ao positivismo e ao cientismo dominantes, posição que vai determinar a sua recusa da ideia de progresso exclusivamente orientada pelo desenvolvimento técnico.

No entanto, como sabemos, a imaginação moderna, da mesma forma que recrimina a onipotência da técnica e seus excessos no mundo contemporâneo, tem, relativamente a ela, um fascínio mais ou menos expressável, observando-a, simultaneamente, como o instrumento privilegiado de um mundo potenciador de modos cada vez mais dignificados de existência humana. A controvérsia moderna sobre a técnica e a ciência constitui, assim, um elemento que faz convergir posições contraditórias no interior do pensamento dos mesmos autores, incluindo uma relação ambígua entre técnica e mística, progresso e sentimento. O McLuhan da primeira fase, imbuído deste espírito, criticará as tecnologias (e disciplinas como a sociologia e a engenharia) por, em vez de constituírem uma fonte de esperança ou de renovação humana, corresponderem antes, a sintomas mórbidos da condição do sujeito moderno. Encontramos, assim, na primeira fase da carreira intelectual de McLuhan, uma nítida posição crítica em relação à tecnologia e à ciência que o século XX, pelo menos na primeira metade, veio a desenvolver. Jonathan Miller (1971: 34) expressa, nesta excelente síntese, este primeiro momento crítico de McLuhan:

A nossa única esperança reside em cultivar a faculdade da intuição, através da qual voltaremos a lembrar-nos, segundo as palavras de Chesterton, 'do que realmente somos'. A racionalidade não passa de uma cilada e de uma fraude. Tudo o que chamamos racionalidade e positivismo nada mais significa que nós esquecemos que esquecemos; tudo o que chamamos espírito e arte nada mais significa que lembramos que esquecemos.

Pode parecer estranho que McLuhan - que se irá evidenciar nos estudos comunicacionais, justamente por realçar a influência que os regimes técnicos dominantes em diferentes sociedades e períodos históricos exercem sobre as modalidades da comunicação em diferentes épocas culturais - comece por se posicionar de um modo tão crítico relativamente à tecnologia e à ciência modernas. Mas a verdade é que, como referi mais acima, McLuhan pertence àquela constelação de pensadores modernos que mantêm relativamente à tecnologia uma relação de fascínio ambíguo que nunca permite um distanciamento definitivo. Este posicionamento é particularmente claro e analítico no estudo que McLuhan escreveu sobre Edgar Allan Poe, na medida em que Poe, inscrevendo-se na tradição moderna do pensamento, adoptou, face ao problema, uma estratégia crítica da qual se valeu para sobreviver ao mundo da técnica moderna e não apenas para deplorar os avanços da vulgaridade moderna. Numa sintomática análise do texto de Poe, intitulado 'A Descent into the Maelstrom', é explicitada por McLuhan a sua posição sobre a técnica e, posteriormente, sobre os meios de comunicação. Poe conta a história de um marinheiro que vê próximo o seu fim, nas garras de um remoínho fortíssimo. De início, o naufrago é tomado pelo pânico e tenta, desesperadamente, lutar contra a corrente. Contudo, a sua curiosidade prevalece sobre o medo e nota que, estudando o comportamento dos destroços que flutuam na superfície, pode prever a acção do remoínho. Então, em vez de se esgotar a lutar contra a força irresistível das águas, decide entregar-se a elas e, assim, consegue ser arrastado ileso para fora do turbilhão.

Para McLuhan, o remoínho é a metáfora do caos social produzido pelo engenho técnico humano. O poder desse remoínho é, actualmente, tão grande que é inútil tentar enfrentá-lo. Se, porém, à semelhança do marinheiro de Poe, o indivíduo angustiado por esta visão puder afastar o pânico e observar, em vez de deplorar, a voragem profana, conservará as suas energias e, deixando-se levar, poderá obter vantagens. E é assim que McLuhan acaba por repudiar as atitudes simplificadas de indignação ou de recusa, em favor da vigilância produtiva face à técnica.

Esta viragem crítica está bem patente, na fase seguinte, num dos seus primeiros estudos sobre a comunicação de massas - *The Mechanical Bride*. É a partir deste texto que McLuhan passa a reconhecer que a cultura de massa está não apenas cheia de potencialidades de destruição, mas também de promessas de fecundos desenvolvimentos. Nesta obra, podemos observar a passagem de McLuhan da resignação ao optimismo, uma passagem operada numa ambiguidade da

crítica à cultura de massas. Por um lado, McLuhan denunciava, por exemplo, determinadas práticas discursivas e estéticas nos anúncios e na publicidade. Por outro, identificava outras características de forma e estrutura, por força das quais estas criações, deploráveis sob certos aspectos, se relacionavam, estreitamente, com tudo quanto considerava de melhor e com maior capacidade regeneradora na poesia e na pintura *avant-garde*. Na publicidade, McLuhan descobriu um idioma que poetas e escritores ligados ao movimento moderno haviam também reconhecido no mito, no conto de fadas e no sonho. Por outras palavras, McLuhan identificou aqui um tipo de pensamento de alusões directas, no qual as ideias e as imagens manifestam-se livres, implicando-se mutuamente, sem conexões formais, comparável à estrutura da arte vanguardista que tanto admirava.

Em particular, a reapreciação da cultura pop levou McLuhan a elaborar um conjunto de teses, segundo as quais os processos comunicacionais estariam estreitamente ligados às tecnologias dominantes em cada época. Tal intuição decorria directamente dos trabalhos de Harold Innis, um economista canadiano que formulou a tese segundo a qual a principal força de transformação social poderia ser encontrada nas várias revoluções que haviam ocorrido nas tecnologias e, especialmente, nas tecnologias da comunicação. Segundo Innis, a análise social tradicional tinha errado ao identificar as fontes de diferenciação cultural. Com efeito, embora concordasse com a ideia de que a configuração cultural das sociedades é, em grande medida, determinada pela sabedoria e conhecimento dos seus membros individuais, Innis insiste em que tanto as origens, quanto os efeitos sociais desse conhecimento são determinados pelas especificidades físicas dos meios através dos quais são transmitidos esses conhecimentos.

Estava encontrada, assim, a hipótese que McLuhan iria desenvolver na sua investigação sobre os media. Os meios de comunicação afectam a experiência e, através dela, toda a cultura, mais profundamente que as mensagens. A partir desta formulação, McLuhan articulou uma série de questões que constituem os aspectos centrais da análise que levou a cabo sobre os media, a saber: de que maneira os meios de comunicação influenciam as mensagens? Que aspectos do humano são afectados pelos meios de comunicação? Que relação existe entre os media e o homem? Por que razão determinadas épocas legitimam certos meios e não outros? As respostas encontradas a estas perguntas fizeram do autor um nome incontornável da cultura da segunda metade do século XX, articulando de modo original, comunicação, mediação, tecnologia e cultura. O programa *mcLuhiano* faz corres-

ponder a cada época histórica um meio cultural de comunicação específico, distinguindo uma série de categorias, das quais podem ser destacadas três dimensões ou conjuntos históricos, técnicos e comunicacionais:

1) *A Dicotomia Oral/Escrito*

A invenção da escrita, para McLuhan, violou a multiplicidade sagrada dos sentidos que a oralidade preenche. O falar destina-se a ser ouvido, recorrendo a situações que chamam à cena os demais sentidos. Quando desejamos esclarecer o significado do que dizemos, apelamos automaticamente para expressões faciais e gestos, de modo a interpelar mais eficazmente o nosso interlocutor. Por este motivo, a palavra falada activa todo o aparelho sensorial humano, acentuando a mensagem e reproduzindo o estado mental a que supostamente corresponde. Por outro lado, McLuhan afirma que o canal da audição é intrínsecamente mais rico ou mais quente que o da visão. Segundo esta perspectiva, o homem primitivo se apoiaria totalmente nas trocas orais, vivendo, conseqüentemente, numa condição de fértil encantamento imaginitivo com o espírito poderosamente estimulado ao nível dos sentidos.

2) *O Surgimento dos Tipos Móveis – A Imprensa*

O empobrecimento provocado pela invenção da escrita aumentou, para além de todas as proporções, segundo McLuhan, quando a escrita se viu ligada à invenção da imprensa mecanizada. A clara legibilidade dos tipos móveis tornou possível que o olho corresse sobre a superfície ‘pavimentada’ do texto; toda a orquestração sensitiva da tradição oral, segundo esta visão, se perde irremediavelmente, substituída, agora, pela linearidade das letras impressa e a regularidade da página, características que se adequam bem a certos padrões lógicos estritos. O homem-Gutenberg é, para o pensamento de McLuhan, explícito, lógico e literal. Permitindo que as linhas do texto o tornassem disciplinado, o sujeito fechou o seu espírito a possibilidades mais amplas de expressão imaginativa. A uniformidade visual da letra impressa corresponde, afirma McLuhan, a um modelo primitivo da tecnologia industrial: ao deixar-se ‘colonizar’ pela informação processada segundo este esquema, o sujeito moderno condiciona-se a aceitar, inadvertidamente, a tirania desumanizadora da vida mecânica.

3) *A Era Electrónica*

McLuhan observa os desenvolvimentos da tecnologia electrónica de modo muito optimista, na medida em que, segundo ele, permitem a

fuga à prisão do mundo mecânico das engrenagens e alavancas. Identificou, assim, os circuitos da engenharia eléctrica como sendo semelhantes aos do próprio sistema nervoso humano. A era electrónica permite aos seres humanos, ao contrário do que se passava na era da imprensa, pensar em conjunto, através de um meio tecnológico constituído à sua imagem e semelhança. A rede electrónica voltou, desta forma, a tribalizar o homem moderno, dominou as influências desintegradoras da imprensa e recolocou o humano na dimensão da 'aldeia global'.

Este esquema histórico de McLuhan foi atacado severamente por muitos, insistindo os críticos na sua unilateralidade, ingenuidade ou excessiva simplificação. Jonathan Miller (1971) fornece um resumo deste criticismo. Não obstante a acuidade de algumas dessas críticas, convirá separar as águas e compreender que a leitura que McLuhan faz da experiência determinada pelos media é bem mais original e teoricamente produtiva do que a narrativa histórica que propõe, a qual serve, fundamentalmente, para legitimar a sua interpretação da modernidade, do ponto de vista da história da comunicação mediada.

Na verdade, a questão importante que interessa compreender é que a mediação se tornou uma dimensão crucial na cultura tardo-moderna da comunicação e da informação, abrindo um campo vasto, acerca do qual McLuhan foi, sob alguns aspectos pelo menos, o pioneiro teórico. Pesou, neste esforço, a ideia fundamental segundo a qual 'o meio é a mensagem' e que, bem vistas as coisas, vai à revelia de tudo o que é normalmente aceite na cultura moderna. A ideia de que o ser humano é um ser intermediário faz parte da tradição grega de que somos herdeiros, mas que, com algumas excepções, tendeu a ser esquecida com o advento da modernidade, quando o sujeito passou a ser visto como um fim em si próprio. A crítica da técnica e da modernidade, em McLuhan, ao contrário, implica que o conteúdo da mensagem é irremediavelmente modelado pelo meio pelo qual a mensagem é difundida. Tal afirmação pode ser exemplificada na situação em que se olha a paisagem que se abre para além da janela. Neste instante, somos, na verdade, inconscientes do facto de que o vidro, apesar da transparência, confere particularidades ópticas a todas as cenas que gostamos de imaginar serem objecto de contemplação directa.

O que fica de fundamental da prática crítica de McLuhan é, assim, a identificação da mediação como fundamento da cultura moderna. Se vivemos apenas no 'meio', a nostalgia das origens e os projectos finais têm de ser reinterpretados. Não estão nem aquém, nem além do espaço da mediação, sendo sim uma figuração estratégica dela própria. É

esta, do meu ponto de vista, a lição mais importante que devemos retirar do trabalho de McLuhan. Compreende-se, assim, em particular, por que a questão da mediação ocupa um lugar central na cultura contemporânea e por que alguns dos mais importantes autores da área dos estudos comunicacionais se ocupam deste tema. Um destes autores é, certamente, Régis Debray (1991, 1995) e seu esforço para delimitar uma teoria da *mediologia* que consiste (1995:14) em

substituir uma palavra por outra. ‘Comunicação’ por ‘mediação’. (...). [P]assar de uma filosofia da comunicação para uma filosofia da mediação implica a mudança de elemento. ‘O mediador substitui o mensageiro’. (...) A mediação determina a natureza da mensagem, existe primazia da relação sobre o ser. Por outras palavras, são os corpos que pensam e não os espíritos.

Ao mesmo tempo, todavia, é essencial não confundir a mediação com os media, enquanto máquinas de comunicar. De facto, uma das teses essenciais do *Cours de Médiologie Générale* de Debray (1991: 14) afirma ser necessário analisar ‘as mediações pelas quais uma ideia se torna uma força material, mediações de que os nossos ‘media’ não são senão um prolongamento particular, tardio e intrusivo’. O que não significa que os bens, as máquinas e todos os fragmentos que povoam a experiência não contem. Na verdade, contam e muito, mas é em relação à mediação e não em si próprios. Eles só têm pertinência dentro da ‘mediasfera’ que tende a implodir, atraindo tudo para o seu ‘interior’. Para Debray, ela entra mesmo em catástrofe com o crescente peso da imagem, na qual se encadeia directamente o desejo, abolindo toda a distância. Esta visão é abundantemente ilustrada pela imagem do ataque às Torres Gémeas de Nova Iorque, difundidas até à exaustão pelas cadeias de televisão de todo o mundo. Como diz Debray (1995: 192): ‘O ícone é um objecto amável e dinamizante, a feminitude da imagem e a guerra das imagens devem ser consideradas – ou se perdem – juntas’.

Tendo em consideração as demonstrações de McLuhan acerca das consequências da ‘Galáxia de Gutenberg’, não há razão para grandes nostalgias relativamente a uma cultura que, desde sempre, incompreendeu a mediação, submergida pelo gigantesco e o desmesurado. Como poderia resistir a sublimidade do livro, pergunta McLuhan, aos milhões de livros inúteis que se publicam todos os anos? A situação actual é ainda menos sublime, nomeadamente, pelas justaposições entre desejo e imagens. A articulação entre as práticas críticas de

Heidegger e McLuhan pode ser enfatizada, em particular, nesta necessidade de libertar a mediação das formas tecnológicas tradicionais que, tal como as formas clássicas de análise crítica, já entraram em crise. A resposta a dar à cultura passa pelo reconhecimento, como disse, em algum lugar, G. Agamben, de que tudo se joga 'em exhibir uma medialidade, em tornar visível um meio como tal', o que passa por ir além da instrumentalidade e da ilusão de controle.

REFERÊNCIAS

- Bourg, Dominique
1999 *O Homem Artificio: O Sentido da Técnica*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Dabray, Régis
1991 *Cours de Médiologie Générale*. Paris: Gallimard.
1995 *Manifestos Mediológicos*. Petrópolis: Vozes.
- Heidegger, Martin
1958 'La Question de la Technique'. In *Essais et Conférences*. Paris: Gallimard.
- McLuhan, Marshall
1968 *Pour Comprendre les Media*. Paris: Seuil.
- Miller, Jonathan
1982 *As Ideias de McLuhan*. São Paulo: Cultrix.

A crítica da técnica e da modernidade em Heidegger e McLuhan

The critique of technique and modernity in Heidegger e McLuhan

Sumário

Summary

A mediação constitui um dos aspectos centrais da sociedade contemporânea. Este texto desenvolve uma discussão da mediação no âmbito dos estudos da comunicação e da cultura. O advento da modernidade e a tecnologia da experiência são considerados aqui como realidades reciprocamente constituídas. A questão teoricamente importante, porém, não é apenas como a técnica constitui uma dimensão emblemática da experiência da modernidade, mas como a crítica da modernidade, na tradição filosófica e crítica do século XX, se constitui, inerentemente, em torno da crítica da visão instrumental da técnica e das ilusões de controle. A reunião dos pensamentos de Martin Heidegger e Marshall McLuhan nesta análise é, assim, destinada a tornar visíveis as correlações analíticas entre a afirmação da autonomia da técnica sobre a criação (Heidegger) e da autonomia do meio sobre a mensagem (McLuhan). Ambas as posições são investigadas numa crítica da visão predominante da instrumentalidade ou da natureza puramente instrumental da técnica. Estas questões são orientadas para o modo como a superação da visão instrumentalista afecta a relação entre mediação, comunicação e cultura. Se esta realidade já era clara na época dos mass media e de McLuhan, é hoje incontornável, na disseminação das culturas virtuais e do ciberespaço.

Mediation is one of the core aspects of contemporary society. This text develops a discussion on mediation in the sphere of the studies of communication and culture. The advent of modernity and the technologization of experience are here regarded as reciprocally constituted realities. However, the important question, theoretically, is not just how technique constitutes an emblematic dimension of the experience of modernity, but rather how the critique of modernity, in the philosophical and critical tradition of the 20th century, is inherently constituted around the critique of the instrumental view of the technique and illusions of control. The reunion of the thoughts of Martin Heidegger and Marshall McLuhan in this study is, therefore, meant to render visible the analytical correlations between the affirmation of the autonomy of technique over creation (Heidegger) and of the autonomy of the medium over the message (McLuhan). The two positions are addressed in a critique of the predominant view of instrumentality or of the purely instrumental nature of technique. These questions are led to the mode as the overcoming of the instrumentalist view affects the relation between mediation, communication and culture. If this reality was already clear in the era of the mass media and McLuhan, today it is unavoidable, in the dissemination of virtual cultures and cyberspace.